



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

UM NOVO *KAIRÓS* – A EPIDEMIA DO HIV COMO O MOMENTO DE OPORTUNIDADE?¹

A New Kairos – The HIV-Epidemic as the Moment of Opportunity?

Gunilla Hallonsten²

Resumo: O artigo enfatiza a importância do significado do contexto para o HIV e a teologia analisados pelo método da análise sociológica crítica. Expõe como e por que os teólogos e as teólogas podem desafiar os fatores que contribuem para a propagação do HIV, especialmente em relação à desigualdade de gênero. O artigo defende o significado teológico deste momento, o *kairós*, do desafio global do HIV. A existência do silêncio e da estigmatização relacionada ao HIV nas igrejas é problematizada, e isso é desdobrado mediante o discurso feminista e sociológico da interseccionalidade e relacionado com a vulnerabilidade. Para concluir, expõe-se a necessidade de reciprocidade e diálogo teológico entre o Norte e o Sul sobre o HIV, para desenvolver as ferramentas necessárias para a análise teológica da época atual e para a análise das comunidades em que vivemos.

Palavras-chave: HIV. *Kairós*. Interseccionalidade. Estigmatização relacionada ao HIV.

Abstract: The article emphasizes the importance of the contextual significance for HIV and theology analyzed by the method of critical sociological analysis. Discussing how and why theologians can challenge the factors contributing to the spread of HIV, especially in relation to gender inequality. The article argues the theological significance of this moment, the Kairos, of the global challenge of HIV. The existence of silence and HIV-related stigmatization in the churches is problematized, and this is further elaborated through the feminist and sociological discourse of intersectionality and related to vulnerability. To conclude there is a discussion on the need of reciprocity and theological dialogue between North and South on HIV, to develop the tools needed for theological analysis of our contemporary time and for the analysis of the communities we live in.

Keywords: HIV. Kairos. Intersectionality. HIV-related stigmatization.

¹ O artigo foi recebido em 15 de agosto de 2012 e aprovado em 03 de setembro de 2012 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Traduzido do original em inglês “A New Kairos – The HIV-Epidemic as the Moment of Opportunity?” por Geraldo Korndörfer.

² A reverenda Gunilla Hallonsten é doutora em Teologia pela Universidade de Lund, Suécia. Diretora de Políticas da Igreja da Suécia. Contato: gunilla.hallonsten@svenskakyrkan.se

Entramos numa casa de pau a pique. Lá dentro, uma jovem moribunda e macilenta está deitada sob alguns cobertores. Três crianças assustadas estão paradas em um canto. Essa mulher tem AIDS, e seu bebê recém-nascido acabou de morrer de uma doença relacionada à AIDS.

Não há comida, marido ou pai para as crianças, não há remédio, educação ou trabalho para ninguém. A solidão é chocante – ninguém da aldeia ou igreja visita ou ajuda a mulher ou as crianças por causa do estigma e da discriminação que a AIDS traz.

Deixamos a casa de pau a pique, fechamos a porta e viajamos da África do Sul para casa, a Suécia. Abalados até o âmago pelo que vimos, o cheiro de pobreza, o sofrimento, o silêncio e o estigma que cercam a AIDS. Preocupados com a falta de envolvimento das igrejas locais.

Essa é minha experiência fundamental de cinco anos de trabalho com o HIV e comunidades de fé na Suazilândia e na África do Sul, e uma das perguntas que fiz a mim mesma e a outras pessoas cristãs no sul da África e na Suécia é: Como relacionamos o HIV com nós mesmos, que também somos seres humanos e cristãos, em nosso próprio contexto local?

Em 1 Coríntios, Paulo ofereceu a imagem da comunidade cristã como corpo de Cristo. São muitas partes no corpo, mas é um só corpo. Se uma parte sofre, o sofrimento é sentido no corpo todo. Assim, nós sentimos o sofrimento que a AIDS causa em nossas igrejas irmãs no Sul? Se o corpo de Cristo está sofrendo com a AIDS – como nos sentimos então?

Grace M. Jantzen, professora de Filosofia da Religião e feminista, pretende destacar a importância da experiência. É crucial, portanto, que essa experiência não seja vinculada a um assunto independente, e sim conectada ao terreno, ao material. Poder-se-ia dizer que “Cristo tem HIV” é uma afirmação que exemplifica isso.

Experiências que são cruciais em nosso contexto são: estar doente por causa da AIDS, o que inevitavelmente leva às perspectivas dos invisíveis e oprimidos (muitas vezes mulheres). Cada experiência é singular e não pode, por isso, de acordo com Jantzen, ser sistematizada, mas elas criam modelos que exigem nossa atenção e, assim, nossa responsabilidade.³

Faz-se o seguinte jogo de palavras na África do Sul: “Nós, na igreja, podemos não estar todos *infectados*; nós todos podemos estar *infectados* e, uma vez que um membro do corpo está *infectado*, certamente todos nós somos *afetados*”. Calle Almedahl, assessor sênior da Iniciativa Ecumênica em torno do HIV e da AIDS na África junto ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e também ex-assessor sênior da UNAIDS, diz que se pergunta como as igrejas do Norte podem não ter consciência da dor e do sofrimento originados pela AIDS que existem nas igrejas do Sul. Pergunta como é possível que igrejas do Norte optem por não demonstrar solidariedade para com as igrejas do Sul quanto à questão da AIDS. Por quê?

³ JANTZEN, Grace M. *Becoming Divine: Towards a Feminist Philosophy of Religion*. Oxford: Manchester University Press, 1998.

O sacerdote anglicano Johannes Pethrus Mokgethi-Heath (Jape), diretor executivo da Rede Internacional de Líderes Religiosos que Vivem com HIV e AIDS e estão Afetados por Eles (INERELA+ é a sigla em inglês) repete a pergunta, mas com um enfoque local, quando diz: “Como as igrejas do Sul podem deixar de sentir a dor e o sofrimento da AIDS presentes nas igrejas do Sul, nas pessoas em volta?”

Musa W. Dube, professora de Exegese do Antigo Testamento em Botsuana, enfatiza a importância de se usar a própria história de vida. Para ela, esse é o ponto de partida para a interpretação de texto; assim, nossa própria posição é apresentada. Também são importantes o significado do contexto e sua análise pelo método da análise sociológica crítica.

O significado do contexto para o HIV e a teologia

A maneira como entendemos a realidade é uma questão ontológica. Um ser e fazer contextuais, substância e função contextuais requerem que mantenhamos o equilíbrio entre particularidade e universalidade. Ver o que a situação local é em seu contexto específico talvez exija que eu possa relacionar o contexto específico ao contexto universal, global, e vice-versa.

Em *Thinking Sociologically*, o sociólogo Zygmunt Bauman⁴ expõe a importância da tarefa do sociólogo ou teólogo de dar orientação para se ver como o contexto individual se relaciona com o universal ou global e perceber, a partir da experiência global, como uma situação, como a de ser soropositivo, também pode contribuir para a compreensão de seu próprio contexto local. A compreensão dessa experiência não é um acontecimento isolado ou um fenômeno particular; formas de opressão de todo tipo são um fenômeno universal quando se pode ver como elas se relacionam.⁵

A teologia contextual tem seu ponto de partida na relação entre o global e o local e, portanto, na diversidade de interpretações. Trata-se da consciência de que a teologia é contextual, mas realmente só quando se tem a consciência para compreender que toda teologia ou sociologia pode ser entendida como contextual.⁶

Albert Nolan escreve: “Todas as teologias são contextuais, mas nem todos os teólogos estão plenamente conscientes da contextualidade de suas perguntas e suas respostas”.⁷

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Thinking Sociologically*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.

⁵ Nessa percepção há, entretanto, um risco de cometer o erro de, por um lado, ter uma “visão de túnel” no contexto local, não conseguindo relacionar ou comparar o exemplo contextual local com outros exemplos locais em outros contextos ou com o contexto global, e, por outro lado, ter uma pretensão universal fora do tempo e do espaço, baseada numa interpretação privilegiada de homens brancos e heterossexuais no contexto acadêmico do Norte. Isso é descrito por Nolan bem como por Reyes e Mulinari. “Compreender o ser particular já significa situar-se além do particular. Compreender está relacionado ao particular que só existe através do conhecimento, que sempre é conhecimento do universal” (LÉVINAS, Emmanuel. *Basic Philosophical Writings*. Bloomington: Indiana University Press, 1996. p. 5).

⁶ BAUMAN, 1992, p. 15-26.

⁷ NOLAN, Albert. *Hope in an Age of Despair: And Other Talks and Writings*. Maryknoll (New York): Orbis Books, 2010. p. 17.

A UNAIDS tem sublinhado, nos últimos dez anos, a importância de enfatizar que a responsabilidade pelo HIV e pela AIDS, que anteriormente era individual, inclui as circunstâncias estruturais, econômicas e políticas em que o indivíduo vive; em outras palavras, o contexto em que os indivíduos tomam suas decisões e são responsabilizados por elas.⁸

Trata-se de uma tentativa de tirar a culpa da pessoa soropositiva individual. Assim, o pecado estrutural é bem mais relevante do que o pecado individual. Isso dá ao indivíduo a responsabilidade e a autoridade de fazer algo quanto à sua situação; cria uma situação libertadora para o indivíduo e, assim, um alívio.

Os fatores de risco estruturais para o HIV e a AIDS giram em torno de questões que, sabemos, são importantes também para a relação entre o Norte e o Sul: justiça social e econômica, incluindo desigualdade de gênero, comida e água, desenvolvimento da democracia e direitos humanos. A discussão convencional do HIV reconhece esses fatores de risco estruturais e individuais e sua interação.⁹

Uma epidemia relacionada ao gênero

Musa W. Dube pergunta como nós, enquanto teólogos e teólogas, podemos desafiar os fatores que contribuem para a propagação do HIV, com ênfase especial na desigualdade de gênero. Como a cultura e a religião contribuem para construir e manter a desigualdade entre mulheres e homens? Qual é, pois, nossa responsabilidade como teólogos e teólogas? Musa W. Dube escreve que nós, mais do que nunca, como teólogos, teólogas e pessoas cristãs, temos a responsabilidade de nos familiarizar com o que é gênero e como ele pode ser transformado para empoderar pessoas. “Necessitamos reconstruir nossas relações para que não sirvam como caminhos de morte, mas se tornem afirmadoras da vida, resistentes à pobreza, à impotência e ao HIV/AIDS.”¹⁰

Musa W. Dube é feminista. Ela diz que Deus criou o mundo bom e que isso inclui toda a bondade. Tanto os homens como as mulheres recebem a tarefa de administrar a relação. Tanto os homens como as mulheres são criados à imagem de Deus.¹¹

A mulher africana cujas circunstâncias de vida são marcadas pela pobreza não tem influência determinante sobre seu corpo, sua sexualidade ou a situação dos filhos.

⁸ UNAIDS. *A Conceptual Framework and Basis for Action: HIV/AIDS Stigma and Discrimination*. Geneva, 2002.

⁹ HALLONSTEN, Gunilla. *Not the Whole Story: The Impact of the Church, Traditional Religion and Society on the Individual and Collective Perceptions of HIV in Swaziland*. Lund: Lund University, 2012. p. 134-136.

¹⁰ DUBE, Musa W. Culture, Gender and HIV/AIDS: Understanding and Acting on the Issues. In: _____. (Ed.). *Methods of Integrating HIV/AIDS in Theological Programs*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2003. p. 95.

¹¹ A rede chamada “Círculo de Teólogas Africanas Conscientes” é de grande importância para a teologia na África. O círculo visa fazer com que as vozes das mulheres sejam ouvidas, visualizar as circunstâncias sob as quais as mulheres vivem nesse continente. Seus membros se encontram a cada dois anos e publicam revistas trimestrais e livros.

A sexualidade e fertilidade das mulheres têm sido historicamente submetidas ao controle de homens individuais ou da família, bem como da igreja e do estado.

O mais contextual de todos os direitos das mulheres é seu direito de decidir sobre seu próprio corpo. Na linguagem do desenvolvimento, isso foi vinculado à saúde e denominado “saúde e direitos sexuais e reprodutivos” das mulheres. Na Suazilândia, que tem a maior prevalência mundial do HIV, a mulher suazi também é necessitada em termos culturais, econômicos, sociais e políticos.¹²

Para problematizar e visualizar como as relações de poder são articuladas local e globalmente, podemos observar a intersecção de gênero, etnia e classe.

Portanto, necessitamos ver o contexto em que o HIV é transmitido para que nos afastemos de uma responsabilização unilateral do indivíduo.

O novo *kairós*

Chegou a hora. Chegou a hora da verdade. A África do Sul mergulhou em uma crise que está abalando os fundamentos, e tudo indica que a crise apenas começou e que irá se aprofundar e se tornar inclusive mais ameaçadora nos próximos meses. Este é o *KAIROS*, ou momento da verdade, não só para o *apartheid*, mas também para a igreja. Nós como grupo de teólogos e teólogas tentamos entender o significado teológico deste momento em nossa história. É sério, muito sério. Para muitos cristãos na África do Sul, este é o *KAIROS*, o momento de graça e oportunidade, o tempo favorável em que Deus lança um desafio para a ação decisiva. É um tempo perigoso, porque, caso se perca essa oportunidade e se permita que ela passe, a perda para a igreja, para o evangelho e para todas as pessoas da África do Sul será imensurável. [...]

Uma crise é um juízo que evoca o melhor em algumas pessoas e o pior em outras. Uma crise é um momento da verdade, que nos mostra o que realmente somos. Não haverá lugar para nos ocultarmos e nenhuma maneira de fingirmos ser o que realmente não somos.¹³

A declaração acima foi escrita por um grupo de teólogos e teólogas sul-africanos como um comentário teológico sobre o estado do *apartheid* na África do Sul em meados da década de 1980. O documento intitula-se *Documento Kairós. Desafio para a Igreja. Um comentário teológico sobre a crise política na África do Sul*.

O professor sul-africano de Ecumenismo e Missiologia Tinyiko Sam Maluleke diz que aquilo que é expresso no Documento Kairós poderia ser relevante de novo hoje em 2012 para o desafio do HIV e da AIDS. É tempo para um novo *KAIROS*.

O Documento Kairós explica o conceito de *kairós* em termos como: a hora chegou, um tempo de crise, um tempo da verdade, um tempo da graça e oportunidade, e um tempo perigoso. Todas essas definições servem para os desafios que enfrentamos com o HIV e a AIDS. O HIV e a AIDS constituem uma crítica e profunda “crise que

¹² HALLONSTEN, 2012, p. 145-146.

¹³ THE KAIROS DOCUMENT. Challenge to the Church, 1985. p. 1.

está abalando os fundamentos, e tudo indica que a crise apenas começou e que irá se aprofundar e se tornar inclusive mais ameaçadora nos próximos meses”¹⁴.

A luta contra o *apartheid* foi marcada por uma luta contra a desumanização e contra a morte física e também espiritual. A batalha contra o HIV e a AIDS se trava em uma nova arena, mas é basicamente a mesma luta por um valor humano inquestionável.

Maluleke escreve: “Deixar de investigar a importância teológica deste momento não será apenas uma oportunidade perdida, mas também será irresponsável”¹⁵. Além disso, Maluleke descreve como a comunidade cristã mundial sempre esteve envolvida na contestação das injustiças e no combate à pobreza e várias formas de injustiça social, e que agora, nesta época, os cristãos do mundo têm de processar e enfrentar teologicamente os desafios que cercam o HIV e a AIDS. Ele enfatiza que a injustiça estrutural deve ser considerada agora à luz da epidemia do HIV.

Silêncio e estigma

Maluleke tem a preocupação, com a qual vários outros concordam, de que os teólogos e as teólogas e as igrejas africanas responderam ao HIV com o silêncio por tempo demais, embora ele responda com uma compreensão do silêncio – o que os teólogos, as teólogas e as igrejas podem fazer diante do caos e do medo que a epidemia do HIV significa para todos, incluindo teólogos, teólogas e líderes de igreja? Como lidamos com sentimentos de desesperança?

Outra resposta para o silêncio talvez seja que os teólogos, as teólogas e as igrejas foram incapazes de agir em um processo transparente e construtivo, por causa das duas questões básicas relacionadas ao HIV e à AIDS, ou seja, sexualidade e morte.

O silêncio também pode ser interpretado como vazio. O que há para dizer sobre esse sofrimento vasto e incompreensível? O que há para dizer se nos sentimos abandonados por Deus ou até mesmo cremos que somos punidos por Deus com o HIV e a AIDS?

Ao mesmo tempo, minha experiência é a seguinte: encontrar-se com pessoas que estão morrendo de AIDS, quebrar o silêncio e falar uma linguagem de desespero. Encontrar-se com um ser humano que está morrendo de AIDS no sul da África não só fala a nós mesmos, mas também diretamente para dentro de nós com perguntas como: Como podemos evitar de ver? Como podemos deixar de ouvir?

A professora Denise Ackermann da Faculdade de Teologia de Stellenbosch, na África do Sul, descreve bem como o silêncio em torno do HIV e da AIDS contribui para a estigmatização das pessoas soropositivas e que a estigmatização, ao mesmo tempo, contribui para o silêncio.

¹⁴ THE KAIROS DOCUMENT.

¹⁵ MALULEKE, Tinyiki S. Towards an HIV/AIDS Sensitive Curriculum in HIV/AIDS and the Curriculum. In: DUBE (Ed.), 2003.

Muitas pessoas soropositivas optam, por causa da maciça estigmatização que cerca o HIV e a AIDS, por silenciar a respeito de seu estado de soropositivas. A vergonha e o medo de serem excluídas da comunhão e da comunidade dão lugar a uma decisão que termina em solidão e isolamento autoimposto, autoestigmatização. Há pouquíssimas pessoas na Suazilândia, por exemplo, que ousam falar sobre seu estado de soropositivas dentro da comunidade cristã a que pertencem.¹⁶

Uma das posições mais vigorosas que podemos assumir como igreja no trabalho com o HIV e a AIDS é reagir contra a estigmatização e discriminação relacionadas ao HIV contra pessoas soropositivas.

O sacerdote anglicano Jape Heath, diretor executivo da INERELA+, participou de um curso com os pastores da Diocese Oriental da Igreja Luterana do Sul da África, onde ele fez a pergunta: “Como é possível que a igreja se sinta tão à vontade com a discriminação?”

As lamentações do salmista são destacadas pela professora Denise Ackermann como uma oportunidade de articular o sofrimento. Ela descreve como, através dos Salmos, há uma linguagem pela qual podemos lidar com o sofrimento, em que podemos nomear o inominável e gritar nossa dor a Deus em situações insuportáveis. Escreve ela: “É um grito primitivo que procede da alma humana e bate contra o coração de Deus”¹⁷.

As lamentações oferecem uma linguagem que expressa o sofrimento humano, contestando estruturas de poder, clamando por justiça. Ela expressa e lembra tanto Deus como o ser humano de que a situação humana deveria ser diferente do que é. Entretanto, as lamentações são uma expressão de confiança e esperança de comunhão com Deus. O salmista tem espaço para o clamor e louvor em um só hino.

Levando em consideração a vulnerabilidade que o HIV e a AIDS representam para a humanidade, por que não nos queixamos, por que silenciamos sobre nosso próprio sofrimento e o de outras pessoas causado pela AIDS?

Pensamento sociológico crítico – interseccionalidade

Em relação ao silêncio e à vulnerabilidade, é importante mencionar brevemente o discurso feminista e sociológico da interseccionalidade elaborado pela professora Diana Mulinari, de Estudos de Gênero e Sociologia da Universidade de Lund, juntamente com a professora Paulina de los Reyes, de História Econômica da Universidade de Uppsala.¹⁸

¹⁶ HALLONSTEN, 2012.

¹⁷ ACKERMANN, Denise. HIV- and AIDS-related stigma: Implications for Theological Education, Research, Communication and Community. Stigma: Implications for the Theological Agenda. In: UNAIDS. *A Report of a Theological Workshop Focusing on HIV- and AIDS-related Stigma UNAIDS Namibia*. Geneva, 2005. p. 49.

¹⁸ No tocante à significância da religião como identidade e práxis, bem como ao sentido e à função de sistemas de valores em relação ao HIV, gostaria de mencionar que discursos éticos sobre identidade, autenticidade e interseccionalidade são essenciais. A obra de Meyer sobre autenticidade e sujeitos interseccionais

A exclusão social e religiosa pode ser compreendida através da teoria sociológica feminista da interseccionalidade, que tem como objetivo visualizar a opressão estrutural e as relações de poder mediante a descoberta da intersecção, onde vários aspectos da discriminação ou estigmatização se encontram.¹⁹

Essa metodologia sociológica analítica da perspectiva interseccional examina gênero/sexo, classe e raça/etnia, e pergunta como o poder e a desigualdade fazem parte das compreensões do pertencimento a uma classe ou gênero; ela tem a ver com as compreensões de heterossexualidade, raça, religião etc.²⁰ Todas essas compreensões reproduzem o poder e a desigualdade que marcarão as diferenças entre “nós” e “eles”.

A desigualdade é construída na intersecção entre estruturas de poder, práticas institucionais e ações individuais.

Erica Appelros, professora de Filosofia da Religião da Universidade de Lund, expõe a proximidade religiosa para captar a posição do indivíduo em relação à autoridade religiosa e mostra como expectativas relacionadas ao gênero e à religião podem diminuir as possibilidades de escolha das mulheres.

O papel da religião na interseccionalidade é, de acordo com Appelros, o de uma instituição onde a ideologia é criada e reproduzida com a ajuda de estruturas de poder em relação ao gênero, classe, etnia, orientação sexual. O fator religioso é, em si, uma razão independente para a opressão, assim como as outras dimensões da interseccionalidade. As ideologias religiosas formam as identidades de gênero das pessoas, e as instituições religiosas têm sua própria hierarquia interna de poder e interação com outras hierarquias de poder na sociedade de uma maneira complexa que implica o gênero, orientação sexual, nacionalidade, etnia, classe, raça e idade.²¹ Gustavo Gutiérrez trabalha teologicamente com a interseccionalidade e a chama de “condições de insignificância” em relação a, por exemplo, economia, cultura, linguagem, etnia, emprego, gênero e HIV. Todas essas dimensões, de acordo com Gutiérrez, aumentam a compreensão do ser humano acerca de sua insignificância e, assim, da dignidade humana.²² A abordagem de Gutiérrez se relaciona com a de Reyes e Mulinari quando estas sustentam que a construção de poder “é articulada em condições materiais desiguais, construções de linguagem, ações na vida cotidiana e fundamentos ideológicos que variam ao longo de tempo e espaço”²³.

(2000), a teoria de Oshana a respeito da autonomia relacional (2003) e a concepção de Appiahs acerca da identidade como “scripts” que formam narrativas (1994, 2005) podem fornecer ferramentas úteis para as análises.

¹⁹ REYES, Paulina de los; MULINARI, Diana. *Intersektionalitet: kritiska reflektioner över (o)jämlighetens landskap*. Malmö: Liber, 2007.

²⁰ A religião é um sistema social em consonância com a compreensão de Max Weber a respeito da raça, classe, gênero e orientação sexual.

²¹ APPELROS, 2005.

²² Palestra feita em Lima sobre HIV e teologia em dezembro de 2011.

²³ REYES e MULINARI, 2007, p. 11.

Uma voz profética – Uma igreja profética

De acordo com minha própria compreensão, a vocação da igreja não consiste somente em ser, mas também em agir e agir vigorosamente. Global e localmente, enfrentamos desafios sociais, políticos, ambientais e culturais que exigem reflexão teológica e ação diaconal – e a voz profética.

A voz profética sempre serviu, desde os tempos do Antigo Testamento, como um eco humano do que é a vontade de Deus para a criação.

Faz diferença se a igreja usa sua voz profética, e com isso quero dizer que a igreja deveria se envolver, ousar analisar as estruturas que promovem a pobreza, violência e opressão, tudo isso visando proteger o valor da criação e salvaguardar a dignidade humana.

Estamos em uma tradição profética em que temos uma vocação de desestabilizar, não de criar desordem na sociedade, mas de apontar as circunstâncias injustas que ocorrem para as pessoas pobres e vulneráveis, onde a sociedade não é governada pela justiça e compaixão. Pertencemos a um contexto mais amplo; como pessoas cristãs na comunhão mundial, o corpo de Cristo, deveríamos expressar o que isso significa.

Para Musa W. Dube é importante que a igreja seja profética e, ao mesmo tempo, compassiva, e com isso ela quer dizer que a igreja deveria se envolver em questões sociais e apoiar os membros mais marginalizados da sociedade. A igreja deve ser uma voz crítica apontando para a corrupção e a exploração.

Em vez de analisar criticamente as estruturas que promovem a pobreza, violência e a opressão de mulheres, o HIV se tornou uma questão de moralidade e pecado individual. A vida é sagrada em si mesma, e não devemos permitir que ela seja desumanizada pela pobreza.²⁴

Ela fala de uma pobreza e insuficiência teológicas que podem ser interpretadas como uma incapacidade social de analisar as relações estruturais. As instituições teológicas devem assumir a responsabilidade de modo que os líderes eclesiais e os líderes comunitários sejam empoderados para também responder teologicamente a questões sociais. Uma mudança social e teológica que cria a consciência de que ser profética também significa ser contextual.

Devemos confiar que a teologia tem as ferramentas necessárias para a análise de nossa época atual e para a análise das comunidades em que vivemos.

Ter esperança e exultar

Preocupamo-nos, corretamente, com a falta de envolvimento nas igrejas locais. A curto prazo, a resposta ao sofrimento agudo é, naturalmente, local, onde o

²⁴ Entrevista com Musa W. Dube, em Durban, sobre o HIV e a teologia (2007).

problema é maior. Porém, a longo prazo, o vírus nos pergunta, na Suécia, a respeito do estado de nosso compromisso.

O HIV levanta, ao mesmo tempo, a maior parte das grandes questões que sabemos ser importantes para a relação entre o Norte e o Sul, a justiça social e econômica, incluindo desigualdade de gênero, comida e água, desenvolvimento da democracia e direitos humanos.

O HIV e a AIDS destacam a importância de acelerar nossos esforços na Suécia para lidar com aquilo que faz a teologia da libertação falar sobre um fenômeno de “dependência” na relação entre o Sul e o Norte. Isso desafia nosso compromisso com a reflexão e conduta teológica na luta contra o HIV.

Como uma questão isolada, o HIV oferece uma oportunidade singular de lutar por solidariedade e justiça em vários níveis ao mesmo tempo, ou, como Jape Heath o formulou: “Há uma oportunidade na crise com o vírus?”²⁵.

Necessitamos de reciprocidade e diálogo entre o Norte e o Sul em questões relacionadas à teologia e ao HIV e à AIDS, e há exemplos de projetos estimulantes de colaboração entre o Norte e o Sul. Os Conselhos Cristãos dos países nórdicos e dos países subsaarianos colaboraram durante alguns anos com o projeto *Um só Corpo*, que visa incentivar a reflexão teológica sobre o HIV e a AIDS.²⁶ Foram processados especialmente três temas: O que significa ser uma igreja inclusiva; o que é sexualidade humana; e nossa imagem de Deus. Diferenças no contexto e na compreensão dessas questões foram incluídas no material escrito e mostram um diálogo e uma diversidade saudáveis.

Outro projeto importante que deveria ser destacado é que a Igreja da Suécia iniciou o programa de mestrado “Teologia e HIV”, em que o trabalho acontece em quatro universidades da América Latina em colaboração com a Igreja da Suécia. Trinta e dois estudantes da Argentina, Brasil, Colômbia e Costa Rica estão participando. Programas de mestrado semelhantes foram realizados anteriormente em quatro universidades da África, com a participação de 40 estudantes da Etiópia, África do Sul e Tanzânia.

Viver na tensão entre o “já agora” e o “ainda por vir” oferece às pessoas cristãs e igrejas uma oportunidade de vivenciar a alegria de viver e a presença de Deus na luta junto com voluntários, muitas vezes mulheres, mediante programas de atendimento domiciliar na África do Sul, que veem os seres humanos e seu valor em pessoas enfermas com doenças relacionadas à AIDS e crianças órfãs quando as visitam, abraçam, lavam e oram com elas.

A vida na tensão entre o já agora e o ainda por vir, porém, oferece às pessoas cristãs e igrejas também um espaço para clamar e lamentar sobre os sonhos e anseios que jamais se realizaram, sobre as vidas que ainda não estão incluídas no cuidado por outros seres humanos. Na África do Sul, muitas vezes ouvem-se pessoas expressar

²⁵ Encontro com pastores da Diocese Oriental da Igreja Evangélica Luterana do Sul da África.

²⁶ Entre outras coisas, isso resultou na publicação intitulada *One Body: Volume 1: North-South Reflections in the Face of HIV & AIDS* e *One Body: Volume 2: AIDS and the Worshipping Community*.

tanto uma confiança ilimitada em Deus quanto uma completa ausência de confiança no outro ser humano. Muitas olham para o céu e falam sobre aquilo que virá depois do presente. Lutar pelo valor e dignidade humana de pessoas que são soropositivas ou convivem com doenças relacionadas à AIDS pode se tornar uma maneira de ajudar a Deus na busca de se tornar visível e conhecido já agora.

Baseada na experiência prática e teórica que adquiri trabalhando cinco anos com o HIV e a AIDS na África do Sul, quero estimular e incentivar discussões e reflexão teológica. Essa é uma das muitas maneiras em que podemos aprofundar nosso envolvimento na igreja mundial e de acordo com o espírito do Documento Kairós, em que somos exortados a viver e cultivar a espiritualidade que respira esperança, não tem medo em sua reflexão e trabalha pela justiça global.

Em tempos como estes, Deus visita o povo. Deus caminha por nossas ruas e entra diretamente em nossas casas. O cotidiano é virado de cabeça para baixo e às avessas, e nada será o mesmo de novo alguma vez. Estes tempos são os tempos favoráveis, os tempos da graça em que Deus nos oferece o tipo de oportunidade que nossos predecessores talvez tivessem ansiado por ver, mas jamais viram, e aí de nós se não estivermos à altura do desafio.²⁷

Chegou a hora. O HIV e a AIDS criam um tempo desafiador em que devemos viver, tanto local quanto globalmente, mas também se trata de um tempo repleto de esperança e oportunidade.

Referências bibliográficas

- ACKERMANN, Denise. HIV- and AIDS-related Stigma: Implications for Theological Education, Research, Communication and Community. Stigma: Implications for the Theological Agenda. In: UNAIDS. *A Report of a Theological Workshop Focusing on HIV- and AIDS-related Stigma UNAIDS Namibia*. Geneva, 2005.
- APPELROS, Erika. Religion och intersektionalitet. *Kvinnovetenskaplig Tidskrift*. Föreningen Kvinnovetenskaplig Tidskrift, v. 2-3, p. 69-80, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Thinking Sociologically*. Oxford: Basil Blackwell, 1992.
- DUBE, Musa W. Culture, Gender and HIV/AIDS: Understanding and Acting on the Issues. In: _____. (Ed.). *Methods of Integrating HIV/AIDS in Theological Programmes*. Pietermaritzburg: Cluster Publications, 2003.
- HALLONSTEN, Gunilla. *Not the Whole Story: The Impact of the Church, Traditional Religion and Society on the Individual and Collective Perceptions of HIV in Swaziland*. Lund: Lund University, 2012.
- JANTZEN, Grace M. *Becoming Divine: Towards a Feminist Philosophy of Religion*. Oxford: Manchester University Press, 1998.
- JEANROND, Werner G. *Kärlekens teologi*. Stockholm: Verbum, 2009.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Basic Philosophical Writings*. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

²⁷ NOLAN, 2010.

- NOLAN, Albert. *Hope in an Age of Despair: And Other Talks and Writings*. Maryknoll (New York): Orbis Books, 2010.
- REYES, Paulina de los; MULINARI, Diana. *Interseksjonalitet: kritiska reflektioner över (o) jämlikhetens landskap*. Malmö: Liber, 2007.
- RUNESSON, Anders; SJÖHOLM, Torbjörn (Eds.). *Varför ser ni mot himlen? Utmaningar från den kontextuella teologin*. Stockholm: Verbum, 2005.
- UNAIDS. *A Conceptual Framework and Basis for Action: HIV/AIDS Stigma and Discrimination*. Geneva: UNAIDS, 2002.